



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FREITAS, Jary Jorge; VOLPI, Sandra Mara. *Grounding social – formando jovens autônomos e autorregulados através do escotismo*. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. *Anais*. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 249-259. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

GROUNDING SOCIAL – FORMANDO JOVENS AUTÔNOMOS E AUTORREGULADOS ATRAVÉS DO ESCOTISMO

Jary Jorge de Freitas
Sandra Mara Volpi

RESUMO

A ação do ser humano em suas relações sociais, configuradas na família, amigos, trabalho, e até na relação consigo mesmo, é a manifestação de um estado, não apenas interno, mas geral. Somos levados ou condicionados a esse estado de ser, de agir, ou reagir, pela forma como atravessamos as diversas fases de desenvolvimento. E isso se dá na toada de fatores internos e externos. Um relevante fator externo é a sociedade na qual crescemos e nos movimentamos; essa sociedade nos impõe demandas, assim como impôs demandas aos nossos genitores e cuidadores, moldando assim as defesas, resistências, anseios, sonhos, objetivos e modos de ação e interação. Podemos ajudar crianças e adolescentes a desenvolverem, em seus próprios grupos sociais, autonomia, segurança e ética, estimulando a autorregulação. Um dos meios para isso é o Escotismo, sobre o qual discorre este trabalho.

Palavras-chave: Adolescência. Comunicação. Desenvolvimento de grupos. Escotismo. *Grounding*. Lowen. Reich.

Cada tempo, cada geração que nasce e se forma, tem uma problemática a enfrentar para seu desenvolvimento. Sempre houve questões dificultadoras para o alcance, ou mesmo para a aproximação, do que Reich (1989) chamou de genitalidade, ou seja, para o completo amadurecimento da personalidade ou caráter do indivíduo. O próprio Reich dizia que, a menos que a sociedade conseguisse amadurecer, tais empecilhos estariam sempre presentes.

O que realmente muda, e cada vez com maior velocidade, é a especificidade de tais questões. A manifestação dessas especificidades se dá no corpo e na energia vital do indivíduo, guiando o desenvolvimento dentro de certos padrões comuns à espécie, e assim criando um denominador comum humano, nas diferentes épocas, culturas e organizações familiares. O mapa do desenvolvimento humano, o “como” e o “quando” na história do desenvolvimento psicofísico, emocional e social é muito bem descrito por Volpi e Volpi (2002), que tão bem explicam o conceito da defesa natural do ser humano que, para manter a vida e a sanidade, coloca uma “couraça” para proteger um aspecto de seu campo emocional. Essa couraça ao mesmo tempo que blinda aquela área dos ataques presentes, poderá bloquear a vivência de certas emoções no futuro, mesmo quando cessados os ataques que a originou. Fica bem claro naquela obra, como também em Reich (1989), que essa couraça se estabelece no corpo, se musculariza, pois é o corpo que vive a emocionalidade. Pode-se afirmar que essa é



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FREITAS, Jary Jorge; VOLPI, Sandra Mara. *Grounding social – formando jovens autônomos e autorregulados através do escotismo*. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. *Anais*. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 249-259. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

a dinâmica humana. Assim é e sempre foi nas diversas fases dessa criança em constante desenvolvimento chamada humanidade. Mas em cada fase da história da humanidade, diferentes problemas sociais, com as mais diversas origens, infligiram dores e traumas característicos, marcando de forma própria cada geração. Muito importante é estudar os textos clássicos, legado de mentes geniais e heroicas que foram em derrubar paradigmas cruéis, mas, como nos lembra Lowen (1991), de importância igualmente grande é ficar atento às mudanças na sociedade, atualizando-se sobre quais as influências vigentes sobre o desenvolvimento individual, familiar e social.

Em nosso tempo, temos grande preocupação retórica com a juventude, coisa historicamente recente. Mas ainda assim esbarramos em travas terríveis ao tentar sair da retórica rumo à ação. Parte dessas travas está na diferença da natureza das questões enfrentadas pela geração dos cuidadores e as enfrentadas pela infância e juventude atual. É o que geralmente se chama de choque de gerações, de diferença de valores ou de diferença de parâmetros de valoração.

Focando a partir da ótica das travas de nossa geração teremos dificuldade de acessar a nova geração, a qual tem questões, ou abordagens a tais questões, mais ou menos diferentes das nossas. E aí começa o que julgo ser um dos pilares da dificuldade da geração atual: dificuldade de comunicar o que pensa, o que quer, o que sente, então substituindo esse sentir próprio por um padrão de estética da socialidade posto, imposto e/ou autoimposto, assim acabam por mascarar o seu próprio sentir com aquilo que julgam ser o esperado, o que pensam ser o adequado. Assim, perde-se o enraizamento no relacionamento real. Se não há uma linguagem comum, entendida pelas duas gerações, a mais nova não pode aprender com quem não lhe pode ensinar. Não conseguindo, ou não se permitindo a expressão de seu questionamento de mundo, acaba criando um avatar, como nos jogos, para atuar no teatro da vida.

Não comungo com a tese de que relacionamentos e comunicações por meio cibernético sejam, sempre, incapazes de gerar sensações e comunicação reais. Penso que não é o meio empregado na comunicação que torna a mensagem real ou não. Não é a mídia de Rede Social que faz com que deprimidos apresentem um avatar hiperfeliz. Nem uma conversa “olho no olho” que torna verdade o que é dito. É o contato com o próprio sentir que dá o tom de realidade. Para todos, e ainda mais para as crianças e adolescentes, não é necessária, e é



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FREITAS, Jary Jorge; VOLPI, Sandra Mara. *Grounding social* – formando jovens autônomos e autorregulados através do escotismo. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 249-259. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

raramente possível, a certeza, mas a liberdade de expressar os próprios questionamentos, esta sim é essencial.

“[...] o ego confunde a imagem com a realidade, vê a imagem como o fim e não como o meio. Suas metas adquirem uma qualidade compulsiva, e perde-se o prazer de viver”. (LOWEN, 1988 p. 110).

Para estabelecermos um canal de comunicação intergeracional, nós, adultos que, em tese, temos estamentados valores e critérios éticos, os quais devem nos dar a segurança necessária para nos abrimos a voz do diferente, precisamos abdicar de nossas certezas e dar lugar à dúvida trazida pela nova geração. Aliás, não é essa dúvida que vem trazendo, há milênios, evolução à humanidade? A criança e/ou adolescente vem descobrindo e criando a partir de suas próprias bases, diferentes das que tivemos, e então desenvolve não apenas uma conclusão diferenciada, mas também uma forma de comunicação peculiar. É tarefa do adulto equilibrado flexibilizar seus parâmetros e se apoiar na observação atenta para viabilizar tal comunicação, a qual possibilitará a troca de sabedorias entre as gerações.

O sistema do Escotismo funciona basicamente assim: formando células de jovens, de seis a nove elementos, da mesma faixa etária, ou seja com alguns interesses e linguagem comuns, inseridos em um corpo maior de quatro células, todos pertencendo a um movimento unido pelo ideal ético do Escotismo esboçado em dez artigos da Lei Escoteira, que em seu artigo 4º diz: “O escoteiro é amigo de todos e irmão dos demais escoteiros.” Busca assim vivenciar o autogerenciamento pessoal e do grupo, desenvolvendo a capacidade de liderar e de aceitar liderança. Segue princípios éticos e sob a supervisão de adultos treinados para interferir o mínimo possível, sempre com a premissa “aprender fazendo”, ou seja, tentando, errando, testando e retestando, divertindo-se com o processo, entendendo que o erro faz parte do processo criativo e executivo. Assim, usando as próprias redes de relacionamento das crianças e adolescentes com seus pares, cabe ao adulto orientá-los ao enraizamento social e possibilitando o desfrute do prazer, o alcance da felicidade real e possível. Para isso, utiliza-se da aplicação de dinâmicas relacionais vestidas como jogos, jornadas, acampamentos, etc. A observação de cada indivíduo é atenta, buscando seus bloqueios e suas aptidões, de forma que as dinâmicas atuem nas couraças, e que eles aprendam a lidar, respeitar e vencer as limitações próprias, coletivas e do meio social. O trabalho, sempre em grupo, ou seja, em uma pequena sociedade, é mais suscetível de direcionamento, o qual se não for adequadamente medido pode ser pernicioso. Muito controle não gera autonomia e pode induzir à formação de



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FREITAS, Jary Jorge; VOLPI, Sandra Mara. *Grounding* social – formando jovens autônomos e autorregulados através do escotismo. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 249-259. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

pequenos tiranos. Deixado demasiado solto pode gerar insegurança e, também, pode induzir a formação de pequenos tiranos, só que por caminho diverso, como vimos no clássico da literatura de Golding (2006), “O Senhor das Moscas”, um romance que mostra os possíveis desenvolvimentos sociais em um grupo de adolescentes que naufraga em uma ilha deserta, onde a organização originada em um pudico coral de meninos acaba por se tornar uma cruel ditadura que esmaga a voz dos questionadores, abordando como alguns se insurgem outros se conformam. Importante frisar que no Escotismo não há regras rígidas, há diretrizes. Não se pode esperar gerar autonomia com um sistema que não seja e que não incentive a flexibilidade e a adaptabilidade.

Os valores reichianos e as técnicas da Psicologia Corporal podem auxiliar a criação de algo que Lowen (1990) chamou de *grounding* para esses grupos de crianças e adolescentes, de modo que eles tenham segurança suficiente para não se encastelarem em si mesmos, em grupos ou valores que os tornem distantes do real convívio social ou aguerridos seres narcísicos, igualmente afastados do real convívio.

Grounding, enraizamento, é o que dá sustentação, nutrição, segurança. O processo de enraizamento pessoal passa pelas diversas fases de evolução humana, mas não há evolução humana sem relações humanas. Assim, o *grounding* é ao mesmo tempo instrumento e finalidade do desenvolvimento. A individuação do sujeito não se pode dar em um processo predominantemente autocentrado, nem pode ter como objetivo o autocentramento, pois isso iria contra a natureza gregária de nossa espécie. O *grounding* social é o que pode gerar o amadurecimento, tanto do indivíduo quanto para a sociedade.

A dificuldade de comunicação entre gerações, a busca desenfreada pela imagem do sucesso, a insegurança gerada por essa imensa pressão, tudo isso afasta o jovem de seu *self* e o empurra para uma autoavaliação impeditiva de um relacionamento maduro, seja com o outro, seja consigo mesmo. O autoempoderamento, a validação do próprio sentir dados pelo *grounding* social, é um caminho para a solução disso.

No Escotismo acompanha-se a criança e/ou adolescente, observando a sua forma de interação ou de não interação, num grupo social, com a mínima interferência de adultos. Isso facilita não só a diagnose mas, principalmente, a orientação para a autorregulação, tanto do grupo quanto do indivíduo. Os jogos propostos têm sempre ênfases divididas em cinco áreas: física, intelectual, afetiva, espiritual e social. Todo jogo escoteiro utiliza o corpo como instrumento para desenvolvimento dessas áreas. O adulto escotista faz a leitura e



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FREITAS, Jary Jorge; VOLPI, Sandra Mara. *Grounding social – formando jovens autônomos e autorregulados através do escotismo*. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 249-259. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

direcionamento. Os jovens, através dos Conselhos de Patrulha – reunião dos jovens das células –, das Cortes de Honra – reunião dos líderes das células – ou da Assembléia de Tropa – reunião de todos os jovens de uma seção (células que juntas formam uma unidade) –, fazem as avaliações do andamento das atividades e escolhem as ênfases a serem focadas; os adultos direcionam. Esse direcionamento é cada vez mais distante quanto mais maduros são os jovens. Por isso há divisão em quatro ramos por faixa etária, os lobinhos de 07 à 10/11 anos, os escoteiros de 10/11 até 14/15 anos, escoteiros sêniores de 14/15 até 18 anos, os pioneiros de 18 até 21 anos. Havendo metas gerais para cada ramo, o eixo principal que a todos une é o escopo de desenvolver autonomia, integração e responsabilidade.

“O propósito do Escotismo é contribuir para que os jovens assumam seu próprio desenvolvimento, especialmente do caráter, ajudando-os a realizar suas plenas potencialidades físicas, intelectuais, sociais, afetivas e espirituais, como cidadãos responsáveis, participantes e úteis em suas comunidades.” (WORLD SCOUT ORGANIZATION, 2011, p. 12). Esse documento da Organização Mundial de Escotismo traz a palavra “caráter” em sentido análogo ao que Reich (1989) trata como caráter genital, ou seja, maduro e socialmente saudável, capaz de experimentar e vivenciar o que chamamos comumente de felicidade. Esse propósito é totalmente confluyente com os princípios e objetivos reichianos, e a Psicologia Corporal pode ajudar a alcançá-lo.

A avaliação pessoal, dada pela observação do jovem em ação, indica com clareza os bloqueios nos segmentos de couraça que, nessa fase da vida, ainda estão mais maleáveis, possibilitando um direcionamento do grupo e do indivíduo. As vantagens de se observar o jovem na interação com seus pares são enormes, pois se soma ao relato dado ao assessor pessoal, que no Escotismo é o adulto, escolhido pelo jovem, que acompanha o seu desenvolvimento, como uma espécie de conselheiro. É comum nessa idade que não se interprete bem os sentimentos, emoções, etc. E é nessa época que o jovem aprende a lidar com essas dúvidas. O desenvolvimento da capacidade relacional de convivência saudável, seguindo princípios do Movimento Escoteiro, à luz da teoria e da prática da Psicologia Corporal, pode gerar robustas bases emocionais, energéticas e morais no indivíduo, ensinando-os a lidar com as próprias limitações já instaladas, gerando assim adultos mais próximos do caráter maduro e mais aptos a educar as futuras gerações.

Reich, sempre atual, disse em 1936: “Afirmo que a juventude de hoje tem muito mais dificuldade que a juventude, digamos, por volta do início do século. Esta ainda era capaz de



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FREITAS, Jary Jorge; VOLPI, Sandra Mara. *Grounding social – formando jovens autônomos e autorregulados através do escotismo*. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. *Anais*. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 249-259. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

usar completamente as repressões; hoje as fontes da vida juvenil brotaram, mas a juventude carece do apoio social, bem como da força estrutural para utilizar essas fontes.” (REICH, 1982, p. 82). Hoje, depois de oitenta anos e outra virada de século, essa afirmação, tristemente, se mostra extremamente válida.

É necessário acompanhar as mudanças que tanto a tecnologia globalizante, quanto a evolução nas relações sociais trazem no comportamento e relacionamento das famílias e grupos sociais próximos das crianças e adolescentes, pois eles serão os adultos do futuro. E a forma como eles se enraizarem moldará não apenas como eles se relacionarão com o mundo, mas também a forma como eles criarão seus filhos. “Quem tem raiz acolhe o vento.”¹

O melhor fruto de pessoas estáveis ou estabilizadas são seus filhos. Assim também podemos dizer que o melhor fruto dos cuidadores e educadores são a estabilidade ou estabilização de seus pupilos.

A missão do Escotismo é contribuir para a educação dos jovens, por meio de um sistema de valores baseado na Promessa e na Lei Escoteira, para ajudar a construir um mundo melhor onde as pessoas se realizem como indivíduos e desempenhem um papel construtivo na sociedade. (WORLD SCOUT ORGANIZATION, 2011, p. 60).

O contrato, o compromisso que é assumido pelo jovem em sua própria formação, chamado de Promessa Escoteira, assumida perante si e seu grupo é: “Prometo pela minha honra fazer o melhor possível para: cumprir meus deveres para com Deus (nos países budistas usa-se a expressão Dharma, a lei espiritual) e minha Pátria; ajudar o próximo em toda e qualquer ocasião; obedecer à Lei Escoteira.

Os valores expressos no código ético escoteiro, a Lei Escoteira, são: O Escoteiro tem uma só palavra. O Escoteiro é leal. O Escoteiro está sempre alerta para ajudar o próximo e pratica diariamente uma boa ação. O Escoteiro é amigo de todos e irmão dos demais Escoteiros. O Escoteiro é cortês. O Escoteiro é bom para os animais e as plantas. O Escoteiro é obediente e disciplinado. O Escoteiro é alegre e sorri nas dificuldades. O Escoteiro é econômico e respeita o bem alheio. O Escoteiro é limpo de corpo e alma.

Esses valores e esse compromisso são totalmente congruentes com os valores reichianos e com a aplicação das técnicas de Psicologia Corporal. Anoto que a menção de “Deus” na promessa não indica uma orientação religiosa, mas sim o necessário trabalho da

¹ Slogan criado pelo Departamento de Mídia Social do Colégio Nossa Senhora Medianeira (Curitiba/PR), em 2015.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

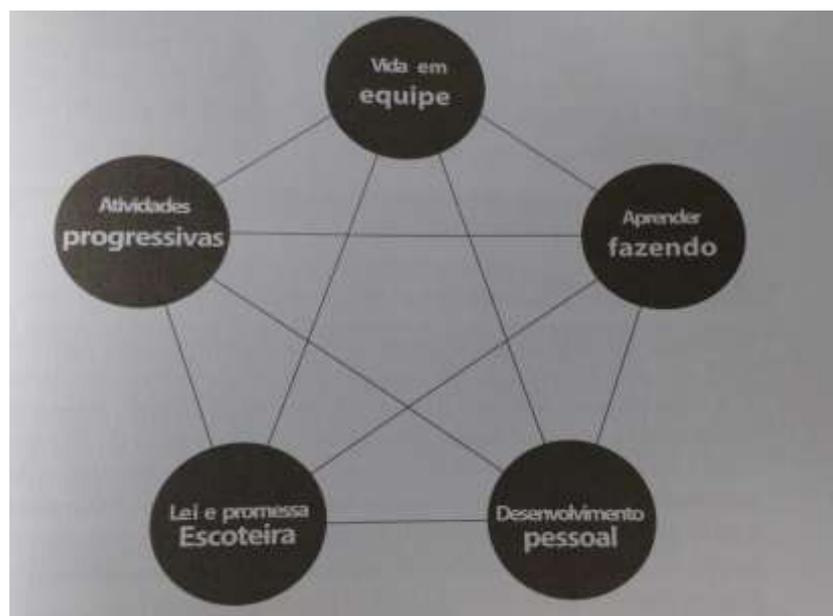
FREITAS, Jary Jorge; VOLPI, Sandra Mara. *Grounding social* – formando jovens autônomos e autorregulados através do escotismo. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. *Anais*. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 249-259. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

espiritualidade, e isso pode se dar através da religião ou do secularismo. Tudo isso é apresentado e aplicado de forma a criar uma mística lúdica que envolve, encanta, diverte e educa o jovem.

Os valores reichianos ao contrário do que muitas vezes se pensa, não são o caos social, nem a abolição de todas as regras de respeito ao próximo em nome do próprio prazer; isto seria psicopatia. Assim, seguir um norte ético tem tudo a ver com os valores de Reich. Os artigos da Lei Escoteira são na verdade princípios éticos: sinceridade, lealdade, compaixão, fraternidade, cortesia, consciência ecológica, organização, contentamento, respeito ao próximo e pureza. E como princípios, são norteadores no caminho do desenvolvimento, os quais devem ser aprendidos e aplicados com sabedoria suficiente, ou seja, sobre onde usar, quando usar e até quando não usar. O *grounding social* é a autorregulação no estar inserido em uma sociedade, ou seja, é vivenciar as normas de convívio social sem ser tolhido e castrado por tais normas. O Escotismo busca preparar a criança e/ou adolescente para viver em sociedade, para vivenciar a felicidade em sociedade, e fazer isso sem se anular, escravizar-se, e sem se condenar a viver no ostracismo dentro de sua própria pólis. A figura abaixo ilustra os elementos do método escoteiro (WORLD SCOUT ORGANIZATION, 2011, p. 21):



As técnicas da Psicologia Corporal podem ser utilizadas na observação do jovem e na identificação das couraças, bloqueios, carências, dificuldades, etc. E mais, e principalmente, na



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FREITAS, Jary Jorge; VOLPI, Sandra Mara. *Grounding social – formando jovens autônomos e autorregulados através do escotismo*. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 249-259. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

intervenção ou na orientação da intervenção. Para ilustrar isso relatarei alguns acontecimentos do cotidiano de minha tropa escoteira.

Cabral estava no Movimento Escoteiro desde os oito anos. Nasceu com um leve distúrbio do espectro autista. No início de sua vida escoteira, não se comunicava verbalmente, mas apenas por gestos ou mesmo desenhos. Foi acompanhado por profissionais da Psicologia e sempre apoiado pela família. Através de sua vivência no Escotismo, foi sentindo-se acolhido e acolheu seu grupo. Começou a verbalizar e interagir cada vez mais e mais. Com 12 anos, participou de um acampamento de quatro dias, envolvendo todo o Grupo Escoteiro, de cerca de 350 pessoas, e já na manhã do segundo dia, Cabral me procurava a cada meia hora pedindo que lhe indicasse onde havia sinal de celular para ligar para sua mãe. Respondi-lhe todas as vezes que não havia sinal de celular no local de acampamento, mas que se quisesse poderíamos ir até a sede da propriedade que estávamos utilizando e pedirmos para usar o telefone dali; ele não quis. Cabral e sua célula, a qual chamamos “patrulha”, com oito jovens, estavam acampados em duas barracas, uma com cinco meninos, outra com três meninas. A dos meninos ficou apertada, pois eles mesmos decidiram não montar uma terceira barraca. Seguindo o método escoteiro e as normas de segurança, eles devem manter a ordem e a higiene no acampamento e dentro da barraca, o que é vistoriado pelo menos duas vezes ao dia. No terceiro dia, quando Cabral estava cozinhando para o almoço de sua patrulha, foi até a barraca buscar seu prato e talheres e descobriu que alguém havia tirado sua mochila do lugar onde havia deixado. Ele então começou a gritar e ficou agressivo. Eu observava tudo a certa distância, suficiente para permitir a liberdade dos jovens cozinharem e conversarem e para intervir caso houvesse algum problema com o fogareiro ou outra coisa. Pedi ao líder de sua patrulha, ao qual chamamos Monitor, que fosse falar com Cabral. O Monitor foi até lá, e explicou que havia guardado a mochila no local adequado, onde não estava sujeita a molhar caso chovesse, que não mexera em nada e que não tinha intenção de magoá-lo. Cabral começou então a chorar e pedir desculpas pela sua atitude, disse que tinha consciência de sua própria limitação e que não queria prejudicar a patrulha. Seus companheiros, ao ouvir isso, espontaneamente, foram todos abraçá-lo, formando em torno dele um terno caracol. Disseram-lhe o quanto gostavam dele e como ele era importante dentro da estrutura da patrulha. Envolvido naquele abraço coletivo, com uma energia de afetividade genuína, seu choro primeiro se espalhou para todos e depois foi se acalmando e cessou. Almoçaram, lavaram e guardaram as panelas e os pratos e então chamei Cabral e perguntei como estava, se queria ir



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FREITAS, Jary Jorge; VOLPI, Sandra Mara. *Grounding social – formando jovens autônomos e autorregulados através do escotismo*. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 249-259. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

para casa ou telefonar para sua mãe. Ele disse: “Estou bem Chefe, estou com a minha Patrulha.” Naquela mesma noite, a última do acampamento, quando tradicionalmente faz-se uma grande fogueira, com a presença dos pais, que são convidados para o que chamamos “fogo de conselho”, ali cantamos e apresentamos esquetes (representações teatrais livres, bem humoradas, criadas e apresentadas pelas crianças e/ou adolescentes sobre um tema ou sobre o cotidiano do acampamento) em volta do fogo. Cabral foi voluntário para uma esquete e se apresentou alegremente na frente de todos. Aquele evento, fruto de todo um trabalho que construiu a possibilidade daquele abraço coletivo, havia realmente mudado a vida de Cabral, que aos 14 anos mudou-se com a família para outro estado. Na cerimônia de despedida, onde os que partem “escrevem seus nomes a fogo em nossos corações” (pirografam em um painel) ele me abraçou e disse: “Você nunca me abandonou. Obrigado.” Hoje ele participa de outro grupo escoteiro e nos correspondemos esporadicamente.

No caso específico, desde a entrada de Cabral no Escotismo, seu medo de contato, dificuldade de interação e medo da morte foram trabalhados pelo próprio grupo, sob direção dos adultos, através de jogos, físicos e mentais, ao ar livre ou em ambientes fechados, que, ao mesmo tempo que movimentavam seu corpo, estimulavam seu cérebro, liberavam e elaboravam as emoções presas em suas couraças, desenvolvendo a confiança no grupo – representação do mundo – e a confiança em si mesmo de enfrentar e conviver nesse mundo. O contato físico foi ficando cada vez menos difícil, o foco da atenção nos objetos e nas regras dos jogos foi ficando maior, o desejo de pertencer, de colaborar com o grupo foi o combustível capaz de levá-lo a transpor a barreira de suas dificuldades. A aceitação e envolvimento do grupo, tal como um amoroso útero, propiciou um aporte positivo no seu desenvolvimento psicoemocional, de tal forma que, quando suficientemente pronto, como que em um surto catártico, expressou seu medo, sua dor, colocando-se para fora do lugar onde se escondera até ali, nascendo e sendo embalado com carinho por seu grupo.

A construção da possibilidade de situações como essa se dá através de atividades progressivas, atraentes e variadas, o mais possível junto à natureza, onde os jovens podem se aproximar da simplicidade e fazer contato com seu próprio ser.

“Se vivemos em harmonia com a natureza e com nós mesmos, também podemos viver em harmonia com as nossas crianças. Se exploramos a natureza, inevitavelmente exploraremos nossas crianças.” (LOWEN, 1990, p. 29).



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FREITAS, Jary Jorge; VOLPI, Sandra Mara. *Grounding social – formando jovens autônomos e autorregulados através do escotismo*. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 249-259. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

Um outro exemplo prático é o de Violeta. Entrou no movimento escoteiro com 11 anos, levada por uma tia enquanto seus pais estavam internados em clínicas de reabilitação de drogadição. Arredia, participava das atividades regularmente, sem demonstrar grande entusiasmo. Mas sempre que questionada, dizia que gostava muito e que precisava continuar no Escotismo. Fizemos muitos jogos envolvendo o foco ocular, memorizações. Um jogo tradicional é o “Jogo do Kim”, onde o participante, após passar por um local, deve relatar os objetos que viu no caminho, variando a dificuldade das exigências conforme a faixa etária e o desenvolvimento do grupo. Pode-se variar o trabalho além da visão, enfocando também a audição, o tato, o paladar ou o olfato. Outra possibilidade são os campeonatos de “Jogo do Sério”, onde os competidores se encaram olho no olho e perde quem rir ou desviar o olhar primeiro. Há também o “Jogo do Ninja”, onde os participantes “duelam”, um observando atentamente o outro que, na sua vez, pode fazer em um só movimento um passo e tentar tocar o oponente que se defende também em um só passo. Além destes, há jogos como o “Pau Podre”, onde um fica em pé no meio de uma roda de colegas, mantendo os pés no lugar, larga o corpo e é empurrado para outro participante que o ampara e empurra para outro. Nestes jogos a própria construção da possibilidade de olhar, de tocar, de ser tocado, de focar a atenção, isso é o importante. Esses e muitas outras atividades ajudaram Violeta a desenvolver confiança no grupo – representação do mundo. Os pais, separados, e já fora da reabilitação, uma vez chegaram a discutir feio, por *posts* no Facebook, na *timeline* de Violeta, expondo-a perante seus amigos. Seus colegas de patrulha me procuraram para informar o fato e pedir orientações sobre o que fazer. Eles a apoiaram natural e incondicionalmente, sem comentar muito a situação. Hoje ela mora com a tia, é comunicativa, risonha e mais participativa nas decisões de sua turma.

Estes são alguns exemplos de casos mais extremados, trazidos apenas para ilustração, porém todos têm particularidades e podem ser beneficiados por suas vivências pessoais e coletivas. Em nosso mundo atual, onde o grupo social da criança e do adolescente urbano se restringe muito, onde é perigoso brincar na rua, onde ambos os pais trabalham, onde já não há tantos irmãos, e os primos não estão mais tão perto, onde o contato corporal sadio é cada vez menor, experiências como a do Escotismo propiciam um canal de contato com o próprio *self* de cada jovem.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FREITAS, Jary Jorge; VOLPI, Sandra Mara. *Grounding social – formando jovens autônomos e autorregulados através do escotismo*. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 249-259. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

REFERÊNCIAS

GOLDIN, W. **O Senhor das Moscas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

LOWEN, A. **Prazer**: uma abordagem criativa da vida. São Paulo: Círculo do Livro, 1988.

LOWEN, A. **A espiritualidade do corpo**: Bioenergética para a beleza e a harmonia. São Paulo: Cultrix, 1990.

LOWEN, A. **Narcisismo**: a negação do verdadeiro *self*. São Paulo: Círculo do Livro, 1991.

REICH, W. **A Revolução Sexual**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

REICH, W. **A Análise do Caráter**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Crescer é uma aventura!** Desenvolvimento emocional segundo a Psicologia Corporal. Curitiba: Centro Reichiano, 2002.

WORLD SCOUT ORGANIZATION. União dos Escoteiros do Brasil. **As características essenciais do Escotismo**. Curitiba, 2011.

AUTOR e APRESENTADOR

Jary Jorge de Freitas / Curitiba / PR / Brasil

Bacharel em Direito pela UFPR, professor de Yoga formado pelo Krishnamacharya Yoga Mandiram (KYM), Chenay/Índia, Conselheiro do Colégio Integrado de Terapia e Educação em Yoga (CITEY), Professor e Diretor do Espaço de Yoga Dhyanam, Chefe Escoteiro do Grupo Escoteiro Nossa Senhora Medianeira, filiado a União dos Escoteiros do Brasil (UEB) sob nº 49/PR, formando na Especialização de Psicologia Corporal do Centro Reichiano.

E-mail: jaryjorge@gmail.com

ORIENTADORA

Sandra Mara Volpi / Curitiba / PR / Brasil

Psicóloga (CRP-08/5348) formada pela PUC-PR. Analista Bioenergética (CBT) e Supervisora em Análise Bioenergética (IABSP), Especialista em Psicoterapia Infantil (UTP) e Psicopedagoga (CEP-Curitiba), Mestre em Tecnologia (UTFPR), Diretora do Centro Reichiano, em Curitiba/PR.

E-mail: sandra@centroreichiano.com.br